

## A Ética da tenacidade no pensamento de Michel de Certeau

Wesley Heleno de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo expõe parcialmente os resultados da pesquisa de mestrado em Ética filosófica focada na ética segundo Michel de Certeau. Este pensador jesuíta possuía uma perspectiva epistemológica pluralista e exercia uma metodologia interdisciplinar. Para elucidar a ética certaliana apresenta-se os pressupostos que a sustenta e procura-se caracterizar o que o autor denomina por ética da tenacidade. O autor se aproximou de filósofos que reconheceram restrições epistemológicas para se fundar a ciência ética no sentido tradicional, ao mesmo tempo em que se aproximou de teóricos das ciências humanas. Em De Certeau, ética e mística estão conectadas. Essa ética ressalta a capacidade de agir ético do sujeito para instaurar a própria forma de vida recriando a partir de elementos do *ethos* dominante sem se submeter inteiramente ao mesmo, operando, se preciso, uma terapêutica das sociabilidades deterioradas.

**Palavras-chave:** Cotidiano; Ética da tenacidade; Certeau.

### INTRODUÇÃO

Michel de Certeau pensa o ser humano inserido no mundo contemporâneo como sujeito constituído pela pluralidade cultural e convivendo numa sociedade governada por meio de práticas de poder. Este pensador jesuíta operou uma conversão do olhar para enxergar a atuação protagonista de homens ordinários, aqui entendidos como pessoas comuns, no cenário do cotidiano. O homem ordinário mais do que aquele que está submetido às restrições do sistema socioeconômico dominante, sempre há um espaço de liberdade para se engajar em atos morais que lhes possibilitem organizar a própria forma de vida.

A pluralidade fundada na alteridade radical é uma constatação e uma verdade histórica e existencial no pensamento certaliano. Além de historiador acadêmico, o fato desse pensador ter trabalhado operando diálogos com diferentes disciplinas das ciências humanas favoreceu que ele desenvolvesse uma consciência aguçada da diversidade humana. Em um primeiro plano, positivamente, a ética da tenacidade se baseia no reconhecimento da pluralidade do *ethos* como aquilo que há de mais *real* e *universal* na humanidade de modo a valorar as diferentes formas de vida, mas também as distintas maneiras de refletir sobre a ética. E num segundo plano, negativamente, o pensamento ético certaliano critica a pressa em afirmar princípios universais visto que frequentemente incorre no erro de impor a todos normas historicamente construídas e invariavelmente dependentes de uma dada concepção de razão e uma forma de cultura.

1 Mestrando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Linha de Pesquisa em Ética.

A proposta de De Certeau é *escutar* os outros para depois refletir sobre a ética ou a maneira como devemos viver, mas isto sob o prisma de uma *epistemologia pluralista* e uma *práxis de interdisciplinaridade*. Numa atitude ética que saiba *dar lugar aos outros*. A ética certaliana exige abertura de mente e coração para ressignificar nossa concepção de ética e nossos hábitos adquiridos que determinam nossa maneira de interpretá-la e propô-la. A ética da tenacidade não será uma ética normativa (algo difícil num mundo multirreferencial) nem uma ética axiológica (com hierarquização de valores que pode vir a excluir outros valores válidos), sua proposta é a via da inventividade ética do fazer o seu próprio lugar social no mundo e constituir a própria forma de vida. Evidente que isto não se faz sem os outros, nem sem restrições ou parâmetros.

O pensamento ético certaliano pressupõe uma crítica exigente que implica a saída de tentativa de universalização que não responde à vida real das pessoas e dos povos, constituídos por alteridades irreduzíveis. De Certeau reconhece, ao mesmo tempo, nas sociedades ocidentais modernas a necessidade de se alcançar uma justiça social, compreendida em sentido amplo, e para isto é preciso princípios gerais norteadores. Mas contanto que esses princípios sejam modificados para que se concretizem direitos para a maioria de marginalizados da história: negros, indígenas, mulheres etc. Esses outros historicamente esquecidos, muitas vezes violentados em seus direitos fundamentais, precisam ser incluídos por um processo de reconhecimento. A ética da tenacidade prevê uma *terapêutica das sociabilidades deterioradas* para essas pessoas.

Expomos muito resumidamente o capítulo central da dissertação de mestrado em filosofia, esclarecendo os pressupostos incorporados por De Certeau e que o levaram a projetar uma concepção ética afinada às necessidades das pessoas na sociedade contemporânea. Assim, (1) expomos os pressupostos antropológicos e filosóficos do pensamento certaliano; e (2) caracterizamos o que seja a ética da tenacidade.

## 1 PRESSUPOSTOS DO PENSAMENTO ÉTICO CERTALIANO

Para se compreender adequadamente o pensamento certaliano e seu modo de elaboração conceitual é preciso ter alguma clareza quanto às noções fundamentais de sua obra. Isto é possível de ser alcançado com maior ou menor grau de certeza devido ao método empregado pelo pensador de evitar definir conceitos e por não se deixar ser interpretado facilmente. De Certeau pode ser considerado um pensador inclassificável em virtude da extensão e complexidade de sua obra. Contudo, nossos esforços alcançaram alguns resultados que podem servir de chave de leitura do pensamento certaliano, em particular da ética.

A começar da antropologia certaliana, verificamos que a concepção de ser humano no autor não é somente filosófica, mas está haurida de alguns conceitos e da problemática epistemológica levantada pelas ciências humanas: a etnologia, a psicanálise, a linguística. Contudo, esses saberes não determinam totalmente o pensamento certaliano, o pensador realiza a

própria interpretação e aplicação das ideias segundo seus interesses intelectuais (cf. GIARD, 2016, p. 9). Ainda no que se refere a compreensão sobre o ser humano em De Certeau, ela está impregnada por uma concepção mística da existência desenvolvida pelo jesuíta. Ele foi um reconhecido historiador da mística e espiritualidade, e observa-se traços significativos de sua leitura da mística e dos místicos aplicados à cultura secular e ao humano em sentido mais amplo (cf. DE CERTEAU, 2005, p. 329). Identificamos quatro categorias distintivas da antropologia certaliana, o ser humano é um ser *praticante*, *falante*, *crente* e *passante*.

Propor que o ser humano é um *praticante* significa que o humano é fundamentalmente um ser que *pratica*. Na existência é necessário praticar para viver. É preciso *fazer* as atividades que sustentam a vida pessoal e comunitária (cf. DE CERTEAU, 2014, p. 184). Em síntese a vida é *prática*.

Outro aspecto constitutivo no ser humano é a capacidade de fala. O homem é um ser capaz de fala. É um *falante*. As pessoas exercem o ato de narrar a própria existência e, por esta faculdade, a investe de sentido. O autor concedia uma primazia à enunciação mais do que ao enunciado. O *ato de fala* é uma faculdade primordial do ser humano e coopera para trabalhar sua presença no mundo (cf. DE CERTEAU, 2014, p. 142-143; 2015, p. 257-261). O ser humano é tão *falante* quanto *praticante*.

A crença é outra característica essencial na antropologia certaliana. O ser humano é um ser de crença – religiosa e não-religiosa –, ele sempre crê em algo e isto o faz viver. De Certeau elaborou um interessante conceito: *sujeito suposto crer* fundamental para se compreender a função simbólica da crença (DE CERTEAU, 1981, p. 383; ŽIŽEK, 2010, p. 40). A crença é a força motriz que impele o sujeito a movimentar-se e investir (a energia do crer) não somente para realizar trabalhos (*fazemos* isto porque *acreditamos* nisto), mas também porque a crença integra a manutenção das instituições (*acreditamos* nas instituições) e o funcionamento da governança da sociedade (*damos crédito* às legítimas figuras de autoridade confirmando sua *credibilidade*). O pensador chamou de “axioma” aquilo que encontrou em numerosas sociedades tradicionais e que diz: “*Tu le crois si tu le fais, et si tu ne le fais pas, tu n’y crois pas*” [“Você acredita nisso, se você faz isso, e se não, você não acredita”] (DE CERTEAU, 1981, p. 366-367). O núcleo do crer é universal e jamais é esgotado por uma instituição histórica, mesmo religiosa. Paraphraseando um historiador contemporâneo, De Certeau reitera que *o crer, de fato, diz respeito* “ao que faz funcionar”<sup>2</sup> (DE CERTEAU, 1981, p. 371).

A dimensão mística é compreendida como a expressão daquilo que existe simultaneamente de mais estranho e de mais essencial na existência. A mística diz respeito à radicalidade existencial da experiência humana (DE CERTEAU, 2005, p. 329). Para De Certeau, o ser humano é um *passante*. A concepção do humano como *passante* ou peregrino na história está intrinsecamente ligada aos estudos da mística e dos místicos realizados pelo jesuíta e que aplicou esse saber religioso aos estudos das coisas seculares como a cultura e a política

2 LEGENDRE, *L'amour du censeur*, 1974, De Certeau diz : *le croire, en effet, concerne “ce qui fait marcher”* (apud DE CERTEAU, 1981, p. 371).

contemporâneas (cf. BURKE, 2002). A ética certaliana está intimamente conectada com uma concepção de mística, a saber, para De Certeau a figura do místico “é aquele ou aquela que não pode deixar de andar” (DE CERTEAU, 2015, p. 482). O agente ético, outrossim, sempre busca a realização pessoal que jamais se completa e neste sentido também é um caminhante.

Os elementos constitutivos da antropologia certaliana, *praticante, falante, crente e passante*, possuem uma base comum que é justamente o dinamismo indeterminado do desejo por sempre mais (*magis*) no ser humano. Esse desejo incontido do humano “cria um excesso” é precisamente um impulso vital não definível que o coloca em permanente movimento de busca de *realização* plena e/ou por *algo* historicamente inacessível na sua completude (DE CERTEAU, 2015, p. 481-482).

## 2 A ÉTICA DA TENACIDADE

O reconhecimento e a realização do *homem ordinário*, doravante referido como agente ético, acontecem na história e estão inexoravelmente submetidos às contingências da história. Não obstante a criticável opressão de grupos econômica e politicamente mais fortes sobre a maioria das pessoas mais simples, estas últimas perseveram em viver tenazmente porque é a única coisa que lhes resta fazer: arriscar existir. De Certeau comenta o *conatus* de Spinoza, termo latino que para este filósofo significa: “*cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser*” (SPINOZA, 2016, p.14) e considera que a ética pode encontrar no *conatus* um postulado da prática, ou seja, um “princípio do agir sobre um *querer fazer* ou um *dever fazer*” (cf. DE CERTEAU, 2017, p. 192). Os agentes éticos expressam vontade de viver. Eis uma das razões do adjetivo que qualifica a ética certaliana como ética da *tenacidade*.

A primeira formulação da *Ética da tenacidade* dada pelo pensador afirma que:

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios [...] um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do “dom” (de generosidades como revanche), uma estética de “golpes” (de operações de artistas) e uma ética da *tenacidade* (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade) (DE CERTEAU, 2014, p. 83, itálico e aspas do autor).

Eis enunciado o núcleo fundamental da ética da tenacidade exercitada pelos agentes éticos na vida cotidiana. É uma ética engendrada a partir do cotidiano com as lutas para subsistir e para humanizar a vida cotidiana. O cotidiano é o lugar da vida e fora dele nenhuma vida acontece. O cotidiano é o lugar da trivialidade dos atos da existência e igualmente dos grandes acontecimentos históricos. No dia a dia e somente dentro dele que o ser humano atua, cria e recria, faz a manutenção das coisas e instituições que sustentam a vida humana. O trabalho de construção de um futuro que não se limita àquilo que já existe se dá no tempo presente do cotidiano. Por conseguinte, dos fatos mais triviais aos eventos notáveis do

cotidiano é o cenário inescapável no qual a vida acontece e só nele pode alcançar realização. A cotidianidade é dimensão fundamental da existência humana, vinculada ao tempo e a lugares, constitui o substrato da história dos agentes éticos, dos grupos sociais, da sociedade mais ampla. Se a vida humana é dada e acontece no interior do cotidiano então a ética da tenacidade só pode ser exercida dentro desse cotidiano.

*A ética da tenacidade* é o esforço de reflexão, quase uma teoria (De Certeau evita sistemas fechados) e uma *práxis* ético-política que se refere a uma perspectiva ética que emerge de uma atitude moral no cotidiano. Procura favorecer a liberdade e o trabalho permanente de emancipação social e política dos agentes éticos, sobretudo, dos que são vilipendiados em seus direitos. O autor considera os *praticantes* como agentes autônomos e criativos. A ética tenaz tem no plano sociopolítico o objetivo do reconhecimento do *lugar* social do *praticante* (a pessoa, agente ético) e no âmbito ético a meta é a realização desse praticante.

O agente ético recria a própria forma de vida partir do material simbólico recebido do seu entorno e conforme seu autointeresse e necessidades. Evidente que De Certeau está considerando aqui as boas práticas que cooperam para a realização do indivíduo e preserve as instituições necessárias à convivência comunitária.

Há duas expressões da ética da tenacidade: a do âmbito pessoal dos indivíduos e que emerge da cotidianidade nas sociedades contemporâneas visando a construção do próprio estilo de vida, e a do âmbito social mais amplo que convoca a uma terapêutica das sociabilidades deterioradas. Observa-se um forte aspecto social na ética da tenacidade.

Para expor uma completa noção da ética da tenacidade é preciso destacar a sua inflexão social. O pensamento ético certaliano contesta duramente a normatividade dominante especialmente quando ela é cerceadora da liberdade e direitos de determinados agentes e de coletividades específica; trata-se, evidentemente, daqueles e daquelas mais vulnerabilizados na sociedade. Nesse caso é que se aplica a função terapêutica das sociabilidades buscando superar as injustiças sociais e emancipar os agentes que ainda não gozam da plenitude de seus direitos.

A dimensão social e política da ética da tenacidade distingue-se do precedente que se firma a partir do cotidiano sobretudo nas seguintes situações: (1) não se trata de práticas de indivíduos que enfrentam as determinações do sistema no âmbito particular da vida cotidiana, mas de ações públicas de grupos sociais que contestam o sistema como tal; (2) não se trata de uma resistência silenciosa e quase imperceptível, mas de uma reação expressa e direta; e (3), não se trata da invenção de práticas alternativas para escapar das limitações da própria autonomia na configuração da existência pessoal, porém de revolta contra as estruturas do sistema dominante justamente enquanto injustas e favoráveis a um grupo privilegiado em prejuízo da maioria marginalizada.

*A terapêutica das sociabilidades deterioradas* é uma das *funções* sociais da ética da tenacidade (DE CERTEAU, 2014, p. 51). A possibilidade de uma reconfiguração social mais justa

sempre foi salientada pelo pensador. Isto se torna possível pelo empoderamento dos indivíduos que mesmo quando inseridos em sistemas excludentes permanecem dotados constitutivamente de força da *vontade de viver mais* (e melhor) e de maneira *tenaz* persistem em *praticar* o espaço social a fim de reorganizá-lo para “criar laço social e revitalizar o querer-ser juntos” (cf. DOSSE, 2003, p. 442).

A terapêutica das sociabilidades operada pelas micro-operações cotidianas resulta num “estilo de resistência moral” que coopera para a emancipação dos indivíduos por si mesmos. E em seguida por associações articuladas por pares ou grupos semelhantes que ganham gradativamente representatividade e efetivo potencial de modificar a deteriorada ordem social dominante por outro arranjo social mais sadio e justo (cf. DE CERTEAU, 2014, p. 83).

A *tomada da palavra* (cf. DE CERTEAU, 1994, p. 40) e as microações astuciosas constituem a arte tática de “dar golpes” no sistema predominante e opressivo fazendo abrir fissuras nele e penetrando-o para modificá-lo ou, ao menos, diminuir as exclusões injustas. Dizemos *ao menos diminuir* as desigualdades sociais porque o próprio pensador é realista ao observar, historicamente, que da “tomada da palavra” enquanto “ação simbólica” (cf. DE CERTEAU, 1995, p. 29-36) se segue muitas vezes, infelizmente, um movimento de “retomada da palavra” pelo sistema social (cf. DE CERTEAU, 1995, p. 57). O autor afirma que tomar a palavra “não é uma ocupação efetiva nem a tomada do poder” (DE CERTEAU, 1995, p. 36). É preciso instaurar um outro sistema social e político para suplantar um enquadramento social injusto.

É pertinente mencionar que as pesquisas em antropologia decolonial e os *Cultural Studies* receberam influência das teses certalianas se aproximando delas com maior ou menor acerto devido à complexidade das reflexões do pensador jesuíta (cf. DOSSE, 2003, p. 414-427).

Uma questão fundamental para De Certeau é a figura do *reprimido* na história e mesmo pela ciência ocidental. Segundo o pensador é necessário “inventar procedimentos novos que permitam que experiências sem escrituras encontrem um lugar, com sua ótica própria, em uma história de outro tipo” (DE CERTEAU, 2006, p. 211) e declara que:

As investigações históricas sobre os negros do século XVIII, por exemplo na UCLA (Los Angeles, *Afro-American Study Center*) ou no Brasil (Salvador, Departamento de História da Universidade), manifestam a insuficiência dos métodos clássicos e remetem à existência enigmática daqueles que foram “eliminados” da historiografia americana por uma concepção científica. Nenhuma ciência humana é inocente (DE CERTEAU, 2006, p. 211, nota 23).

Esse reprimido adota os semblantes dos outros, que assumem formas históricas muito concretas: o negro, o selvagem/primitivo, a mulher (cf. DE CERTEAU, 2006, p. 208-211). Ele é enfático ao afirmar o “*retorno do reprimido*” como expressão de desarticulação do sistema, irrompendo lutas e violências, enquanto não se apresentar uma resolução pautada pela equidade e justiça em um novo sistema social mais equilibrado (cf. DE CERTEAU, 2006, p. 209).

A ética da tenacidade pretende tornar visível esses *outros* reprimidos e marginalizados, mas que estão presentes – eles sempre estiveram – na sociedade, embora obnubilados pelo discurso padrão da política e da ciência.

A luta pelo reconhecimento não diz somente respeito aos direitos individuais e coletivos de grupos subvalorizados na hierarquia social dominante, mas o se abrir para acolher e celebrar os bens simbólicos e estéticos de todos e cada um dos grupos humanos visando uma cultura plural. Isto é o “reconhecimento recíproco de alteridades insuperáveis” (DE CERTEAU, 2012, p. 232).

A aguda consciência das diferenças, alerta Giard, é um aspecto vital no pensamento ético certaliano que vislumbra na pluralidade da diversidade aquilo que assegura toda a “vitalidade” e “força inventiva” das sociedades contemporâneas (cf. GIARD, 1995, p. 18). É, pois, preciso um trabalho que realize a unidade plural, ou seja, aquilo que o pensador chamou de “a união na diferença” (Cf. DE CERTEAU, 2005, p. 145-150).

A nota distintiva que caracteriza a reflexão teórica e a aplicação social da ética da tenacidade é a exigência e o “direito de um grupo social formular, ele próprio, seus quadros de referências e seus modelos de comportamentos” (DE CERTEAU, 2012, p. 39). Significa que a ética certaliana reflete sobre a ética ou a busca do melhor modo de viver escutando e acatando o que tem a dizer os próprios sujeitos e grupos sociais envolvidos; confirma-os no poder de exercitar a responsabilidade e a efetiva autonomia para pensar e viver a própria dimensão ética.

## CONCLUSÃO

A compreensão ética no pensamento de Michel de Certeau integra tanto a vida prática no cotidiano da existência quanto a necessidade de justiça e reconhecimento sociais numa terapêutica das sociabilidades deterioradas na sociedade contemporânea. A ética certaliana igualmente implica as dimensões estética e mística da existência. Este artigo expôs parcialmente os resultados de nossa pesquisa de mestrado em filosofia ética, mas o suficiente para compreender os pressupostos e a orientação geral do pensamento ético certaliano. A ética da tenacidade salienta a autonomia e capacidade de inventividade dos agentes éticos para compor a própria forma de vida. A realização do agente ético implica o respeito a valores estruturais na organização de qualquer sociedade como a noção de autoridade, o respeito pelo outro, mas não pode limitar-se a normas nem ao seguimento cego de determinados valores. Para De Certeau o mais autêntico é a capacidade de o sujeito e seu grupo de pertencimento criarem e recriarem o sistema ético-social no qual querem conviver. Existe, portanto, uma irreduzível dimensão *poiética* (de criação ou invenção) da própria existência. Esta é uma característica fundamental da ética da tenacidade.

A constituição do sujeito ético na teoria certaliana segue a lógica da terceira via (*nem* um *nem* outro; *nem nem*), *nem* o individualismo ético *nem* o puro comunitarismo ético. A

reflexão ética de De Certeau situa-se no *entremeio* [*entre-deux*] e o agente ético está no *inters-tício* entre a ascensão do sujeito (com toda a subjetividade: eu *falo*, eu *quero*) e a integração interativa na multidão social. Subsiste sempre neste *entre-deux* uma tensão ativa entre, de um lado, o agente enquanto indivíduo e, por outro lado, a sociedade como comunidade e instituições. Mas no intermédio dessa lógica certaliana não há contradição porque no próprio “Eu” do agente ético está presente os outros (outrem) e o Outro (Instituições): “pois o EU é um outro” (RIMBAUD, 1871). Por conseguinte, para De Certeau não faz sentido optar por um (indivíduo) ou por outro (sociedade) porque ambos estão imbricados.

Descoberta essencial em nossa pesquisa foi encontrar certa proximidade epistemológica entre De Certeau e Wittgenstein. Há semelhança entre esses pensadores ao considerar a impossibilidade de se consolidar, com rigor, a ciência ética. Para Wittgenstein a Ética “não pode ser uma ciência” (WITTGENSTEIN, 1965, p. 8) porque afirma ou pretende afirmar proposição que ultrapassa a capacidade humana de linguagem. Em De Certeau, a condição humana transborda toda norma e princípios históricos pré-estabelecidos de maneira que a ética jamais será, nem poderia ser, uma ciência ou reflexão sistemática.

A noção de cultura preconizada por De Certeau é a de cultura plural que não obnubila alteridades radicais e tem por postura a abertura ao diferente, o esforço por dar lugar aos outros, favorece o diálogo e a *con-vivência* com os demais cada qual preservando sua identidade, seu lugar de fala, sem escamotear as dependências, escolhas ideológicas e ligações que *todas* as posições possuem previamente (DE CERTEAU, 2012, p. 229). A ética da tenacidade parece pressupor a legitimidade de *moralidades*, no plural, ou seja, moralidades legitimadas e validadas eticamente enquanto promotoras de realização pessoal e coletiva de cada agente ético e seu grupo social.

Essa concepção ética origina o *paradoxo certaliano* da terceira via (*conexão dos opostos*), porém *sem determiná-la*: de um lado, a universalidade ética não é alcançada sem subjugar as alteridades radicais, por outro lado, o individualismo ético atenta contra os princípios de coesão da sociedade. A via ética certaliana não defende *nem* a universalidade ética *nem* o individualismo ético, assim entendidos, mas sim o *entremeio* [*entre-deux*] da *relação* entre os dois polos. Esta outra lógica ética, na realidade um movimento passível de ser constatado na realidade social vivida pelas pessoas, *instaura* outra simbólica que *permite* uma compreensão plural da ética pela conexão (não fusão) das alteridades entre agentes éticos e a sociedade mais ampla.

## REFERÊNCIAS

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

\_\_\_\_\_. *A Fábula Mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.

\_\_\_\_\_. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006.

\_\_\_\_\_. La ruptura instauradora. In: \_\_\_\_\_. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006. p. 191-230.

\_\_\_\_\_. *Le Lieu de l'autre: Histoire religieuse et mystique*. Édition établie par Luce Giard. France: Éditions Gallimard et Éditions du Seuil, 2005.

\_\_\_\_\_. Une Pratique Sociale de la Différence: Croire. *Faire croire. Modalités de la diffusion et de la réception des messages religieux du XIIIe au Xve siècle*. Actes de table ronde de Rome (22-23 juin 1979), Rome: École Française de Rome, 1981. p. 363-383.

RIMBAUD, Arthur. A Carta do Vidente (Lettre à Paul Démeny), 15 de maio de 1871. Acessado em: <http://www.salamalandro.redezero.org/wp-content/uploads/2007/07/Rimbaud-A-carta-do-vidente-Lettre-a-%CC%80-Paul-De%CC%81meny.pdf>. Acessado em: 25 nov. 2020.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Conferencia sobre Ética Ludwig Wittgenstein* (1965). Edición Electrónica de [www.philosophia.cl/](http://www.philosophia.cl/) Escuela de Filosofía Universidad ARCIS. Com “*Notas de las conversaciones con Wittgenstein*” de Friedrich Waismann y “*Acerca de la Concepción wittgensteiniana de la ética*” de Rush Rhees. <http://www.philosophia.cl/biblioteca/Wittgenstein/conferencia.pdf> Acessado em: 25 nov. 2020